Tempo histórico, espaço e resistência no corpo da linguagem poética de Costa Andrade

Maria Luci De Biaji Moreira[1]

RESUMO: Neste estudo analisamos o trabalho de Costa Andrade[2], poeta angolano que testemunhou décadas de repressão brutal do colonialismo e da guerra pós-independência em Angola. O tema central é que a linguagem poética de Costa Andrade é um elemento de resistência, com motivações sociopolíticas em busca de uma identidade nacional e da liberdade do povo angolano. A poesia de Costa Andrade "acentua o espaço" (FERREIRA, 1977, p. 36) e "não existe no ar" (CARPEAUX, 1978 p. 10), estando profundamente inserida no tempo e espaço ao focalizar nas particularidades de Angola

PALAVRAS-CHAVE: Tempo histórico. Espaço. Resistência. Colonialismo. Identidade.

INTRODUÇÃO

A linguagem poética pode revelar a história, acentuar o espaço, expressar o momento, criar realidades, demonstrar resistência a forças internas e externas, criar valores, exprimir emoções e muito mais. Expressar

[1] Doutora em Português pela University of Illinois Urbana-Champaign. Atua nas áreas de Português como língua Estrangeira, Estudos Culturais Brasileiros através de Filmes e Literatura. Professora Associada no Department of Hispanic Studies. E-mail: MoreiraL@cofc.edu.

recordações, sentimentos e experiências através das formas linguísticas e poéticas é um passeio ao infinito. Por isso, delimitamos o estudo ao tempo histórico, espaço e resistência na linguagem poética de Costa Andrade. O estudo divide-se em três partes. Inicialmente, fazemos um breve apanhado biográfico de Costa Andrade, para situá-lo no contexto histórico. Em seguida, seus poemas são revistos sob o prisma do tempo histórico, do espaço e da resistência. Segue-se uma breve conclusão, mostrando que a poesia de Costa Andrade, ao revelar particularidades históricas da guerra civil em Angola, com detalhes do genocídio—que, de fato, ocorreu—transpõe o tempo e o espaço, enquanto reside em todos os cantos do universo onde as guerras pelo poder político, econômico ou religioso fazem parte do dia-a-dia de milhões de pessoas. Tempo histórico, espaço e resistência estão interconectados na poesia de Costa Andrade.

1 TEMPO HISTÓRICO, ESPAÇO E RESISTÊNCIA EM COSTA ANDRADE

Francisco Fernando Costa Andrade é também conhecido como Costa Andrade, Ndunduma Woe Lépi, Africano Paiva, Angolano de Andrade, Fernando Emílio, Flavio Silvestre, Nando Angola, Ulienge Wo'Simbu ou Wayovoka André. São nomes usados em situações bastante diferentes, seja como ativista político, guerrilheiro, ou mais tarde, já depois do fim da guerra civil, para dar dar nova dimensão `a sua poesia. Seus nomes são como as máscaras e como a poesia: servem para esconder e comunicar: são "despersonalizações destas de que só o poeta é capaz" (CARPEAUX, 1992, p.128,). Davidson mostra que Costa Andrade e Wayovoka André são "dois nomes inseparáveis. O nome de suas raízes: o nome de sua própria escolha e

destino. Um nome de baptismo[3]: um nome que se recebe e defende e se conquista." (1979, p. 3).[4]

Costa Andrade era poeta, artista plástico, jornalista e ativista político. Filho de pai português e mãe luso-africana, nasceu no Lépi, em 1936, e morreu em Lisboa em 2009 (MOREIRA, 2012, p. 43). Ele é ainda criança quando se inicia em Angola, a partir de 1940, o processo de tomada de consciência de luta pela independência do país. Angola, como parte da colônia, é o objeto de uma cultura e não o sujeito (BOSI, 1970, p. 13). Costa Andrade viveu seus primeiros anos em uma comunidade, cuja desigualdade social e racial era marcante. Por um lado, foi educado no estilo europeu, conhecendo os clássicos da literatura. Por outro, aprendeu sobre as desigualdades sociais, o racismo e a luta do povo, através das histórias contadas em quimbundo, pelo lado materno. Ao mesmo tempo, as circunstâncias históricas do momento político de Angola determinam o rumo que ele deverá seguir. Muito jovem ainda, inspira-se nos intelectuais angolanos Agostinho Neto, Viriato da Cruz, Mário Pinto de Andrade e António Jacinto. Eram os chamados poetas e intelectuais angolanos da geração da Mensagem (jornal clandestino que teve apenas dois números publicados em 1951, mas que desencadeou uma mudança extraordinária na literatura nacional angolana). António Jacinto, com o poema 'O grande desafio,' marca definitivamente Costa Andrade (MOREIRA, 2012, p. 43).

> Quando, em 1956, o primeiro manifesto do MPLA–Movimento Popular de Libertação de Angola—contra o regime colonial de Portugal torna-se público (TORIELLO, 1981, p. 39), Costa Andrade já estava imerso na literatura de resistência dos intelectuais angolanos, os quais procuravam a identidade como nação e exigiam a liberdade do país. Mergulha profundamente na "assunção da africanidade, consciência nacional, amadurecimento da identidade nacional e da

consciência colectiva" (FERREIRA, 1982, p. 23).

Em 1957, aos vinte e um anos, Costa Andrade vai a Lisboa para estudar, vivendo na Casa dos Estudantes do Império (CEI), importante núcleo cultural e político de estudantes e intelectuais africanos em Portugal (MOSER e FERREIRA, 1983, p. 300). Torna-se editor da Colecção Autores Ultramarinos da CEI e, como tal, Costa Andrade traz `a tona Agostinho Neto, anteriormente censurado pelo governo português (MOREIRA, 2012, p.43). Este período é marcado por viagens de retorno a Angola e clandestinidade em Portugal. Quando, em 1961, as forças repressoras portuguesas, ordenadas por Salazar, destroem parte de Luanda e mais dezessete vilas, resultando em mais de cinquenta mil mortos, o episódio marca profundamente a vida de Costa Andrade, refletindo-se na sua poesia.

> Em função de seu ativismo político, é obrigado a abandonar Portugal. Exila-se na Itália, Brasil, Argélia e na antiga Lugoslávia durante cerca de oito anos. A partir de 1968, quando retorna a Angola, Costa Andrade passa sete anos no norte do país, como guerrilheiro militante do MPLA, o Movimento para Libertação de Angola (DAVIDSON, 1972, p. 219).

Carpeaux afirma que "a literatura não existe no ar, e sim no Tempo, no Tempo histórico…" (1978, p. 10). Historicamente, entre 1939-1945 o mundo se confronta com a Segunda Guerra Mundial. Com o fim da guerra, Salazar diminui o caráter da repressão aos opositores; mas, como consequência, surgem várias entidades que se declaram contra o ditador, cuja resposta é uma repressão ainda mais violenta ao colonizado. Entre 1947-1955 há uma atividade cultural e literária africana com forte cunho nacionalista em busca da identidade nacional angolana. (FERREIRA, 1982, p. 15; RIAÚZOVA, 1986, p.

92). É a partir de 1957 que surge a poesia de Costa Andrade, que nasce do tempo histórico e da própria história do poeta (1961 é o ano de sua primeira publicação). Inicialmente, a poesia de Costa Andrade tratava da luta dos guerrilheiros e, como tal, deveria transmitir o contexto da luta armada, para que as pessoas soubessem, se sensibilizassem e se engajassem politicamente; consequentemente, uma poesia sem muitas metáforas, comprometida com o tempo histórico e a trajetória nacionalista, através de uma "simplicidade intencional" (RIAÚZOVA, 1986, p. 95) para ser acessível ao povo.

Esse ambiente de ativismo político e luta pela independência de seu país, os quase oito anos de exílio (1961-1968), cerca de sete anos de guerrilha em Angola, são elementos intrínsecos nos versos de Costa Andrade, nos quais manifesta a busca `a africanidade para sua própria reafricanização espiritual.[5] Sua poesia tornou-se veículo de transmissão do que estava ocorrendo, confirmando a idéia de Éluard de que "a poesia é um objecto utilitário (...) uma lição das coisas". Podemos constatar isso em (*Poesia com Armas*) , cujo título antecipa o uso da linguagem poética como método de comunicação e arma de defesa contra os opressores, como se vê a seguir no excerto de 'Motivo,'[6] que se segue:

> Juntei na mão
> os meus poemas
> e lancei-os ao deserto
> para que as areias
> se transformem em protesto.
> (COSTA ANDRADE, 1975, p. 21)

O sujeito da história, conforme Bosi (1970, p. 13) analisa, revela-se no seu primeiro livro, *Terra das Acácias Rubras*, publicado em 1961. Costa Andrade já estava imerso na situação política de Angola, que passa a ser o sujeito do seu

discurso. Ele dialoga com a mãe-pátria, diante do sonho impossível, irrealizável. Em 'A voz da terra', poemas X e XII, o termo "serias" deixa em cada coração angolano a semente da liberdade plantada e, quem sabe, o sonho pudesse um dia vir a ser realidade. O verso "serias" leva o leitor –o povo angolano—a todas as maravilhas que um povo pode ter com a tão sonhada liberdade, porque ser livre é o bem maior a que um povo pode aspirar.

> [...]
> e então serias
> mãe da liberdade
> e dos poetas
> [...]
> e mais
> que mãe de poetas
> que mãe de mártires
> que mãe de escravos
> que mãe de heróis
>
> serias
> mãe de Homens livres
> (COSTA ANDRADE, 1961, p. 18-22)

Um outro aspecto que se pode notar em 'A voz da terra' e em muitos outros poemas, é o uso da repetição, como princípio de organização, baseado na criação popular. De acordo com Riaúzova (1986, p. 92), é "um dos recursos poéticos" usados na poesia angolana dos anos 40-70, além de conter grande número de poemas curtos.

2 A RESISTÊNCIA COMO TEMA NA POESIA DE COSTA ANDRADE

O principal tema de Costa Andrade é a resistência. Para Bosi, "resistir é opor a força própria `a força alheia" (BOSI, 2002, p. 118). A idéia da resistência,

como tema, é colocar nos versos os próprios valores. Os ideais de resistência, nos moldes de Bosi, foram "pensados e formulados" entre 1930 e 1950, quando o mundo, politicamente, pendia para o fascismo ou para o nazismo. Salazar, como fascista, imputava medo e terror em Portugal e nas colônias. As forças nazistas e fascistas do mundo foram derrotadas em 1945, mas Salazar continuou no poder, sendo depois substituído por Marcelo Caetano, que continuou a repressão até 1974.

Bosi afirma que o período que vai entre 1930 a 1950 foi "um tempo excepcional (…) que produziu o cerne da literatura de resistência." (2002, p. 125). Costa Andrade nasceu em 1936, ou seja, dentro daquele período excepcionalmente produtivo. Quando ele começa a escrever, o período áureo da literatura de resistência mencionado por Bosi não era tão forte na Europa. Mas é essa poesia de resistência que aparece em Costa Andrade, já num momento mais tardio, entre 1957 e 1961, inicialmente como ativista político. Em 1961, publica seu primeiro livro, *Terra de acácias rubras*. A obra reflete o entusiasmo revolucionário e as acácias rubras são o sangue e o sofrimento do povo angolano. Vários outros trabalhos se seguem com a temática da revolução como tempo histórico e resistência, confirmando a tese que Maiakovski expõe: "Não há poesia revolucionária sem forma revolucionária' (BOSI, 1970, p. 521). Costa Andrade não insinua, mas livre e diretamente, põe em seus versos sua experiência de guerra em um contexto maior e universal.

Como sujeito vívido, Costa Andrade fala das consequências da guerra colonial e o anseio pela liberdade, deixando marcas na sua linguagem poética. De fato, muitos dos poemas, nascidos nessa fase, buscam comunicação direta

com o leitor, sem que o texto perca sua intensidade. O "princípio da realidade," rege a realização dos valores no campo ético. Costa Andrade trabalha a memória, não só das coisas que já aconteceram, mas que também estão acontecendo em Angola, criando uma realidade fictional de resistência dentro da realidade. Costa Andrade enaltece seu povo e o transforma em herói, por resistir aos poderosos. Para Bosi (2002, p.121-122), mostrar ao mundo a resistência de um povo diante do opressor é um princípio ou valor que tem caráter de uma obrigação imperiosa na poesia de resistência. Em Costa Andrade, os princípios e valores são a independência de Angola – tanto do fascismo, como da luta contra os imperialistas pós-independência e também a restauração da dignidade ao povo angolano. O poema não alterou o espaço opressivo, mas o acentuou. Usar a poesia como arma para sufocar os anseios e as dores de uma nação e manter as lembranças vivas, através do poema, é missão do autor. No poema que se segue, os versos se tornaram incandescentes com o sangue derramado naquele fevereiro do massacre, marco histórico no país. Os seus poemas se convertem armas contra os opressores, como se vê a seguir em 'O futuro nasceu da noite.'

Angola pátria
nascida no combate!

Defender-te-á o poema
caldeado em Fevereiro
com o sangue do povo.
(COSTA ANDRADE, 1975, p. 155)

Angola se torna seu principal personagem nos poemas de coragem e lucidez. Seus versos têm bravura e determinação, existem no espaço e no tempo e refletem o tempo e a história de um povo. Tornam-se uma poesia de

resistência porque, através dela, Costa Andrade revela ao mundo as mazelas da tirania dos que lutam pelo poder `as custas da destruição de milhares de pessoas e a destruição dos rios e florestas de Angola durante a longa guerra civil e os confrontos militares. Nela, irmãos matam irmãos, treinados e comandados por forças externas com interesses políticos e econômicos nas riquezas naturais de Angola, encobertas pela miséria dos oprimidos e pela opressão dos poderosos. A desigualdade social gera riquezas, cobiça desmesuradamente pretenciosa, pobreza manipulável, perda da dignidade e identidade de um povo. Costa Andrade transmite ao povo angolano a ordem de resistir, como única força para combater a violência.

O ESPAÇO

Ferreira (1977, p. 36) afirma que "a poesia acentua o espaço." Como angolano e engajado na luta, Costa Andrade tem um espaço com limitações, devido `a repressão. Como poeta, "acentua o espaço", já que não pode mudá-lo. O 'Poema décimo terceiro de um canto de acusação,' enumera as riquezas econômicas de Angola como algodão, açúcar, diamantes e petróleo mas, de certa forma, abstrata: o homem da terra não usufrui desses bens; vive de fome, dor, sangue e morte. Costa Andrade enfatiza, repetindo, que os angolanos só alcançarão aqueles bens, como o algodão, o café, os diamantes e o açúcar quando Angola estiver livre, conforme seus versos, escritos em 1963: "O açúcar de Angola só será mel quando Angola for independente. Agora é amargo." Ao final do poema, o homem de Angola "vem chegando independente" através da luta armada da guerrilha dos campos (COSTA ANDRADE, 1975, p. 37). Para Oliveira, a poesia de Costa Andrade não se

dissocia do homem Costa Andrade, a qual tem uma função específica de servir como arma de luta social e política. O contexto da guerra mostra a temporalidade do texto de Costa Andrade (WEB).

Em 'Estrela Nova', a metáfora da fumaça que dilui, envergonhada, é o momento de refletir sobre a insensatez da guerra e a vida trágica do homem africano. O menino de doze anos que foi morto por bombas é o objeto e representa tantas outras milhares de vidas esfaceladas.

> [...]
> e a bomba rebentou depois d'alguns segundos.
>
> Caíram muitas mais, dispersas e cobardes
> até que o fumo também partiu envergonhado.
> […]
> O companheiro que perdemos era jovem
> o mais jovem e o melhor entre os melhores.
> (COSTA ANDRADE, 1975, p. 64)

Ao menino não foi dado o direito `a vida. A imagem do menino morto, sorrindo para o sol nascente, segundo o poeta, é uma força que arrasta montanhas e desvia rios. Costa Andrade não só está nos contando o episódio para que fique gravado o horror da guerra e a dor da injustiça, mas também para que a morte antecipada impulsione o combate ao inimigo, porque as pessoas merecem a vida. O menino se torna bandeira da causa, como ele diz no mesmo poema, ao dizer que o que morreu não era estátua como os outros, embrutecidos pela guerra. São tensões ideológicas que trabalham no âmago da história, de acordo com Bosi (1970, p. 520).

Em ‘Augusto Ngangula’, voltamos a lembrar as crianças assassinadas com o episódio de Ngangula, que, aos doze anos, morrera assassinado a golpes de machado, pelo exército português (COSTA ANDRADE, 1975, p. 67). Os versos lançam revolta contra todos aqueles que, criminosamente, matam inocentes, perpetuam a desigualdade dos homens e destroem os sonhos de um povo. Em tom profético, volta a clamar e lançar apelos `a humanidade, sempre com o sentimento de esperança. A pedra erguida que recorda são os sobreviventes angolanos, chamados a manter a memória dos que se foram. São pedras como o passado, porque nada pode mudá-lo, mas são verdes, porque a vida se renova. O passado conviverá com o presente. A sua poesia continua a refletir as angústias e feridas de Angola.

> Quero ver aqui
> sobre este chão manchado
> do sangue de um jovem de 12 anos
> as mães dos meninos livres
> da mesma idade
> […]
> Eu quero ver aqui
> junto ao corpo frio que sorri
> aos 12 anos
> meninos com lápis e cadernos
> para que aprendam
> a escrever-lhe o nome simples.
>
> E despido enfim
> da raiva dos rochedos
> o dia se preencha
> de canções de roda
> sobre o verde sempre jovem
> em torno `a pedra erguida que recorda.
> COSTA ANDRADE, 1975, p. 67-69)

Costa Andrade compara o instante do trajeto de uma bala à construção de um poema, como se vê a seguir no poema ‘Instante’. Como a bala, ao

atingir e prostrar o homem sobre a terra, o verso também tem consequências. Visível também é a comparação da bala com o poeta, homem, guerrilheiro. Todos vivem de instantes. A vida de uma bala e a criação de um poema são semelhantes na duração; diferentes nas consequências: morrer ou viver, escravizar ou liberar.

> …e há sonhos para nunca mais realizados
> tal é o instante
> preciso
> que antecede a bala
> […]
> E quando a bala
> feriu o silêncio carregado
> prostrando o homem sobre a terra
> não foram assassinos que o mataram.
> O guerrilheiro também vive
> um tempo de poesia
> como a vida de uma bala
> na emboscada dos murmúrios
> apenas respirados
>
> O guerrilheiro é terra móvel
> decisão de liberdade
> na pátria raivosamente escrava.
> (COSTA ANDRADE, 1975, p. 65-66)

Em 'Ensaio sobre a cor', "poeta e homem se confundem, a poesia irrompe do empenho e o empenho nasce da poesia numa quase absoluta reciprocidade e identificação" (OLIVEIRA, WEB) e ainda, o papel da cor na imperiosa necessidade da decisão. A dimensão da cor não é a cor em si, mas a dor daqueles que têm amor à vida e a veem fugir a cada momento.

> Aqueles que discutem
> a dimensão do vermelho-vivo
> e escrevem tratados
> sobre a função da cor

nunca viram
o vermelho de uma ferida aberta
pela explosão de uma granada…
[…]
Aqueles que não viram nunca
uma ferida aberta
pela explosão de uma granada
não podem entender
quanto amor `a vida
à cor
e às flores do país natal
existe
na decisão
do guerrilheiro.
(COSTA ANDRADE, 1975, p. 70-71)

Continuando a privilegiar a história em tempo de armas, Costa Andrade nos relembra a chacina de 2 de fevereiro de 1961, quando as forças portuguesas tomaram Luanda e vilas próximas, sufocando um dos maiores movimentos em favor da independência de Angola; fundamentalmente um dos momentos de maior tensão política no país, refletidos em 'Poema quatro de um canto de acusação'. Somos informados sobre o massacre da população e a grande ausência das mães: não sobraram mães para chorar seus filhos porque foram assassinadas também. As palavras são de rebeldia e dor e sua luta não se faz apenas com armas, mas através dos versos, deixando as marcas da guerra no corpo da linguagem (BOSI, 1992, p. 11).

Há sobre a terra 50 000 mortos que ninguém chorou
sobre a terra
insepultos
50 000 mortos
que ninguém chorou
[...]

ninguém …

As Mães de Angola

caíram com seus filhos.
(COSTA ANDRADE, 1975, p. 34)

De acordo com Toriello, a chacina de cinquenta mil angolanos em Luanda, em fevereiro de 1961, a destruição, repressão e o genocídio passam a ser não só o objeto da poesia angolana, como também marcam o início da luta armada. Costa Andrade mostra a realidade da guerra e exprime seus sentimentos. O poema contém, deste modo, duas realidades: a do objecto (colonialismo) e a do sujeito (poeta), conforme observa Ferreira (1982, p. 36). Enquanto Portugal vive um período de instabilidade econômica devido os danos morais e físicos do facismo e da guerra colonial na África portuguesa, a poesia de Costa Andrade era e continou a ser o canto de uma nação inteira ultrajada e violentada, não alterando o espaço opressivo, mas acentuando o mesmo. Costa Andrade usa uma linguagem indignada, pungente, ao dialogar com o mundo—indiferente ao genocídio de Angola—conforme se vê em 'Poema terceiro de um canto de acusação'.

Onde estais mães
que não vedes morrer as mães de Angola?

Onde estais irmãos do mundo
que não vedes morrer os meus irmãos de Angola?

Onde estais governos senhores do mundo
que não vedes amigos vossos matar Angola?

Onde estais milhões de Homens livres do mundo
que não vedes morrer de pé Angola inteira?
(TORIELLO, 1981, p. 374)

Com o poema 'A dor', Costa Andrade nos mostra a necessidade da luta armada, que ele considera justa, porque a paz e a liberdade são valores

imprescindíveis ao ser humano. Usar armas para fazer guerra em busca da paz e liberdade é mais uma incoerência das guerras, as quais alguns têm que fazer parte, singelamente revelados abaixo, nos versos de Costa Andrade.

[...]

O homem empunhou a arma
talvez porque amasse
a paz dos outros homens…
e amava certamente
a liberdade
(COSTA ANDRADE, 1975, p. 77)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme observa Abrantes (2005, p. 10), os versos de Costa Andrade são frutos de sentimentos, recordações, experiências. O leitor acampanha o percurso de Costa Andrade, seja no exílio, seja na guerrilha e na construção de um país que passou quatorze anos em luta contra o colonialismo português e vinte e sete anos contra forças estrangeiras com interesses políticos e econômicos na região, levando a milhares de mortos tombados em solo africano. A coragem, a luta pela liberdade, o nacionalismo, a resistência, a opressão, a dor das perdas, a alegria da vitória, são características marcantes na poesia de Costa Andrade. Em *Com verso comigo*, publicado em comemoração aos trinta anos da independência de Angola, Costa Andrade, ao conversar consigo em seu monólogo, conversa com todos nós e mostra a sua trajetória de combatente com armas e palavras, deixando seu legado de fé e esperança no povo de Angola e na humanidade. O sonho da liberdade, idealizada pelo militante, passa a ser realidade. A sua arma—poesia denúncia—ultrapassa o espaço da luta armada e reflete dias melhores,

necessidade crucial para sobrevivência em tempos de resistência, usando uma linguagem de esperança. Costa Andrade, nos versos de 'Aconteceu', abandona o desespero dos oprimidos pela luta e sofrimento e destruição com uma mensagem de esperança e "os poemas prenunciam o sentido e o saber" (FERREIRA, 1977, p. 36):

> [...]
> Na guerra
> criei
> terra
>
> para os passos
> de alguém
>
> da guerra
> somos povo
> terra
> livres
> (COSTA ANDRADE, 2005, p. 18-19)

Em suas meditações no poema 'Converso comigo,' o poeta não manifesta ódio ou rancor quando escreve, em 2005: "sequer converso se o adversário é perverso" (COSTA ANDRADE, 2005, p. 20). O homem e poeta dos grandes sonhos olha para o passado e se dá conta de que o que estava em jogo não era o ódio ao inimigo, mas o amor ao seu compatriota, quando, em 'Reflexões sobre amar,' diz: "Tanto amei (…) não sobrou espaço para ódio" (COSTA ANDRADE, 2005, p. 24).

Costa Andrade percorre o caminho das inquietações de jovem, do ativismo político em Angola, em outros mares, na clandestinidade e na selva angolana durante seus tempos de guerrilha. Sua poesia é o testemunho dos horrores das guerras que assolaram o país durante mais de quarenta anos. A

sua obra, como diz Oliveira, é "profundamente comprometida com o processo histórico de restituição da soberania" ao país. Costa Andrade, através do saber, da sua omnisciência, no entendimento das contradições emergentes, transpõe a visão negativa e concretiza a prova iniciática: constrói um espaço novo—o do futuro, o da premonição" (FERREIRA, 1982, p. 36). A conscientização do poeta cria a euforia, a esperança, revela a possibilidade ou a infabilidade da transformação. Em 'Já não é' no livro *Poesia com armas,* o autor mostra que resistir é preciso, porque a morte valerá a pena ao abrir e iluminar caminhos.

> [...]
> Cairemos,
> não importa.
>
> Nós somos o carvão da luz futura
> (COSTA ANDRADE, p. 23)

Em 'A quem possa interessar,' escrito em 2003, revendo seus dias de combatente, Costa Andrade resume o que procurou fazer durante sua vida, que era a construção de um espaço novo, transpondo o passado. Ele faz um balanço da sua luta, que não é só a dele, mas do povo de Angola:

> [...]
> Conquistei o direito
> maior de todos os direitos
> ter direito a ter direito
> (COSTA ANDRADE, 2005, p. 49)

Em 'Último desejo,' o poeta transpôs a visão negativa da colonização, resistiu através dos seus versos e criou o espaço da esperança. A guerra

terminou, o poeta continuou como militante dos direitos humanos e de dias melhores para Angola dentro do MPLA até sua morte, rejeitando o cruel, criando valores, tentando reencontrar a identidade do povo angolano. Em um de seus últimos poemas, Costa Andrade menciona, com simplicidade e clareza, o legado que sua geração de poetas e de homens que resistiram ao opressor deixaram para as novas gerações:

> [...]
> vivam
> a vossa vida
> muito melhor
> do que vivi
> a minha
>
> É meu último desejo.
> (COSTA ANDRADE, 2005, p. 23)

As memórias se vão, o homem se foi, mas os versos de Costa Andrade ainda conversam conosco e continuam vivos para todos nós, marcando a história de Angola, através dos sentimentos, experiências e vivência pessoal do poeta, que se manteve fiel à cultura africana e à liberdade. A poesia com armas ou poesia de resistência de Costa Andrade não só resistiu, como também ainda existe no tempo histórico e espaço geográfico e transcende os mesmos.

Notas:

[1] Autor XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

[2] Optamos por considerar Costa Andrade como sobrenome do autor, tal como era conhecido, e também por motivos de clareza, uma vez que há vários autores que possuem o mesmo

sobrenome, inclusive um deles citado no texto. Costa Andrade publicou vinte e seis livros, sendo a maioria em forma de poesia. Selecionamos poesias das seguintes obras: *Terra de acácias rubras* (primeira publicação) *Poesia com armas* (com poemas escritos entre 1960-1974) *e Com verso comigo* (2005).

[3] As citações contêm a grafia do texto original, respeitando a variante portuguesa e / ou data da publicação, quando o acordo ortográfico entre os países de língua portuguesa ainda não era vigente.

[4] Todos os poemas analisados neste estudo foram publicados sob autoria de Costa Andrade, o nome de batismo do autor.

[5] Ao falar em 'reafricanização,' há que se mencionar que, como muitos outros poetas de sua geração, Costa Andrade usou elementos plurilíngues em muitos poemas, como em: "Os kisanges silenciaram (...) Kapitu-pitu pimbi para sempre!" (COSTA ANDRADE, *Poesia com Armas*, p. 100). Optamos por selecionar versos sem esta característica, por considerarmos que o assunto merece um estudo mais específico sobre estes elementos, em outro trabalho.

[6] As citações aos títulos dos poemas estão entre aspas simples. As citações aos poemas propriamente ditos e aos trabalhos de outros autores estão entre aspas duplas para deixar o texto mais claro. As citações aos poemas, mais longas, estão no corpo do trabalho, mas afastadas.

Historical time, space, and resistance in the body of Costa Andrade's poetic language

ABSTRACT: In this study we analyze the work of Angolan poet Costa Andrade, who witnessed decades of brutal repression during the colonial era and the post-independence war. We frame Costa Andrade's works as a poetry of resistance with sociopolitical motivations and a part of Angolans' search for national identity and freedom. Costa Andrade gives prominence to the space

(FERREIRA, 1977, p. 36) and "does not exist in the air" (CARPEAUX, 1978), being deeply embedded in a particular Angolan time and space.

KEYWORDS: Historical Time. Space. Resistance. Colonialism. Identity.

REFERÊNCIAS

ABRANTES, José Mena. Introdução. In: COSTA ANDRADE, Fernando. *Com verso comigo*: *30o. aniversário da independência nacional*. Luanda: Chá de Caninde, 2005. p. 10-11, 57p.

ANDRADE, Mário Pinto de. O canto armado do povo angolano. In: COSTA ANDRADE, Fernando *Poesia com armas*. Lisboa: Sá da Costa, 1975. P. 1-18. 161p.

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1970. 571p.

_____. *Dialética da colonização*, 2 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. 404 p.

_____. *Literatura e resistência. São Paulo:* Companhia das Letras, 2002. 297p.

CARPEAUX, Otto Maria. *História da literatura ocidental*, vol. 1. 2a. ed., Rio de Janeiro: Alhambra, 1978. 541p.

_____. *Sobre Letras e artes*. Seleção, organização e prefácio de Alfredo Bosi. São Paulo: Nova Alexandria, 1992. 272 p.

COSTA ANDRADE, Fernando. *Terra de Acácias Rubras*, Lisboa: Casa dos Estudantes do Império, 1961. 46p.

_____. *Poesia com Armas.* Prefácio de Mário Pinto de Andrade. Lisboa: Sá da Costa, 1975. 161p.

_____. *Com verso comigo. 30º. Aniversário da Independência Nacional*. Luanda, Angola: Caxinde, 2005. 57p.

DAVIDSON, Basil. *In the Eye of the Storm: Angola's people*. Garden City: Doubleday, 1972. 367p.

_____. Prefácio. In: COSTA ANDRADE, Fernando. *No Velho Ninguém Toca. Poema dramático com Jika.* Lisboa: Sá da Costa, 1979. P. 3-9. 51p.

FERREIRA, Manuel. *Literaturas de expressão portuguesa*, Vols.1 e 2, Venda Nova, Amadora, Portugal: Instituto de Cultura Portuguesa, 1977. 142 p. (vol.1) e 152p. (vol 2).

_____. Metamorfose e premonição. TENREIRO, Francisco; Andrade, Mário Pinto de. *Poesia negra de expressão portuguesa*. Direção, organização e orientação de Manuel Ferreira. Lisboa: CDL, 1982. P.13-39. 87p.

MOREIRA, Maria Luci De Biaji. Costa Andrade. In: Monica Rector e Richard Vernon (edis). *African Lusophone Writers*. Farmington Mills, MI: Gale - Cengage Learning, 2012. Vol. 367. P. 42-44. 421p.

MOSER, Gerald; Ferreira, Manuel. *Bibliografia das literaturas africanas de expressão portuguesa*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1983. 405p.

OLIVEIRA, Vera Lúcia de. Fernando Costa Andrade: poeta angolano em luta. In: *Via Atlântica*, n.3, v. 1, 1999. P. 70-88. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/viaatlantica/article/view/49008/53086> Acesso em : 30/09/2014.

RIAÚZOVA, Helena. *Dez anos de literatura angolana:* ensaio sobre a moderna literatura angolana, 1975-1985. Luanda, Angola: União dos Escritores Angolanos, 1986. 127p.

TORIELLO, Fernanda. *Poesia angolana moderna.* Bari, Italia: Adriatica Editrice, 1981. 467p.